



Cerca de 140 milhões de mulheres terão sido submetidas à MGF

Casos de mutilação genital referenciados em Portugal foram praticados fora do país

Direitos humanos

Em Portugal, foram detectadas nove mulheres mutiladas, quando recorreram aos serviços de saúde

Nenhum dos nove casos de mutilação genital feminina (MGF) registados na Plataforma de Dados da Saúde desde Março foi praticado em Portugal, disse Lisa Vicente, da Direcção-Geral da Saúde (DGS).

Em declarações agência à Lusa, a chefe da Divisão de Saúde Sexual, Infantil e Juvenil da DGS adiantou que “a maioria das mulheres” referenciadas foram mutiladas na Guiné-Bissau e no Senegal. “Não há nenhum caso realizado em Portugal”, precisou.

Todos os casos registados até ao momento dizem respeito a “adultas, que realizaram [a prática] em idades variadas”, indicou a médica ginecologista-obstetra. Dado que, nestes casos, a MGF foi praticada fora de Portugal, não há lugar a qualquer procedimento criminal. Se, um dia, for detectado um caso de prática dentro do território nacional, os profissionais de saúde terão de acionar “as suas obrigações legais nestas situações”, frisou Lisa Vicente.

“Os serviços começam a estar realmente despertos para a questão e começam a introduzir os dados”, observou, realçando que as nove mulheres mutiladas foram referenciadas quando recorreram aos serviços de saúde para outros efeitos que não a MGF. Os números ainda “são pequenos”, reconheceu Lisa Vicente. Frisou, porém: “É impor-

tante passarmos a mensagem de que irnos tendo os dados, mesmo para as mulheres, é importante, para as podermos ajudar.”

Hoje, também em declarações à Lusa, a secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, considerou de “uma importância muito grande” o registo de “casos concretos” na plataforma, que está em funcionamento desde Março. A referenciação dos casos representa “um passo decisivo em matéria de conhecimento sobre a realidade da mutilação genital feminina em Portugal, de que, durante muitos anos, se falou apenas em termos teóricos, (...) de sensibilização, sem que o país soubesse verdadeiramente alguma coisa de concreto sobre o que se passava”, afirmou. “É o início de uma nova fase na abordagem da mutilação genital feminina em Portugal”, frisou, sublinhando que permite “passar das meras suspeitas” a “casos concretos”. Juntando o registo ao estudo de prevalência em curso, Portugal poderá passar de “estimativas feitas em cima do joelho para um conhecimento mais detalhado”, que permita “intervir junto das comunidades de risco”, destacou ainda.

Estima-se que 140 milhões de mulheres tenham sido submetidas à MGF em todo o mundo e que três milhões de meninas estejam em risco anualmente. A prática, que causa lesões físicas e psíquicas graves e permanentes, é mantida em cerca de 30 países africanos, entre os quais a lusófona Guiné-Bissau. A MGF migrou para a Europa, onde se estima que vivam 500 mil mulheres afectadas por uma mutilação genital.